

**AWAFU - Comissão de Apoio Indigenista**  
**ECOPORE - Ação Ecológica Vale do Guaporé**

Exmº Senhor  
**Dr. Osni Helice**  
Procurador da República

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Data	___/___/___
Cod.	IBDPPPIB

Senhor Procurador,

A AWARU - Comissão de Apoio Indigenista, entidade civil, apartidária, não confessional, sem fins lucrativos, sediada à rua São Geraldo nº 1226, Vila João, em Ji-Paraná e a ECOPORE - Ação Ecológica Vale do Guaporé, entidade ambientalista, apartidária, não confessional, sem fins lucrativos, sediada à Av. João Pessoa nº 4345, Centro em Rolim de Moura, diante da atual situação em que se encontra a Reserva Biológica do Guaporé, unidade de conservação criada através do Decreto Lei 87.587 / 82 de 20 de Setembro de 1982 (doc. 01), representa a V.Exª os cidadãos abaixo relacionados pelos seus atos infracionais cometidos dentro daquela reserva, considerando que os mesmos há anos vêm atuando impunemente na área, sem quaisquer sanções dos órgãos competentes, apesar do conhecimento público de suas ações.

- Ambrósio Paes de Azevedo, ex-seringalista, residente no Distrito de Pedras Negras, proprietário (segundo ele) do Seringal São Simão, município de Costa Marques.
- Hamilton Siqueira Filho, ex-seringalista, residente no distrito de Pedras Negras, proprietário (segundo ele) do Seringal Centro Grande, município de Costa Marques.
- Ademar José Zaniti, brasileiro, casado, portador da Cédula de Identidade RG: 946.571 - SSP/PR, residente e domiciliado à Rua Osvaldo Cruz nº 812, município de Vilhena.
- Miguel Blaskiewicz, brasileiro, casado, portador da Cédula de Identidade RG nº 505.312 SSP/PR, residente e domiciliado à Rua Marechal Rondon, nº 4034, município de Vilhena.

Os senhores Ambrósio Paes de Azevedo e Hamilton Siqueira Filho, alegam possuir título definitivo e carta de arrematação expedidas pela União das áreas que dominam (seringal São Simão e Centro Grande), estas áreas localizam-se no interior da Reserva Biológica do Guaporé, declaram ainda que os referidos documentos são anteriores ao decreto de criação da Reserva. Entretanto não sabemos se é anterior também ao Decreto Lei nº 51.025 de 25 de Julho de 1961.

*[Handwritten signature]*

Já os senhores Ademar José Zanini e Miguel Blaskiewicz foram flagranteados dentro da área protegida realizando reconhecimento de campo para a extração de madeira da unidade.

É importante salientar a V.Ex<sup>a</sup> que os antecedentes infracionais dos aqui representados, são inúmeros, e fartos em detalhes, para tanto anexamos cópias de relatórios de algumas das expedições realizadas na área hoje em risco (doc 04, 05, 06, 07 e 08).

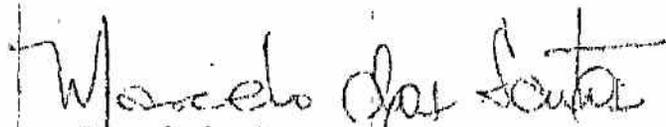
Esclarecemos, que por ocasião da última ação ilegal desses elementos, foram lavrados autos de infração pelo Posto de Fiscalização - POCOF/IBAMA de Costa Marques, consta também relatório da operação no comando da Polícia Florestal, naquele município.

Sr. Procurador, o número de documentos anexados é extenso, porém, faz-se necessário levar ao vosso conhecimento para que definitivamente sejam tomadas as providências jurídicas cabíveis para a proteção da Reserva Biológica do Guaporé, somente a ação dos funcionários da FUNAI, que nela atuam e destas ONGs, não são suficiente para garantir a defesa daquela unidade de conservação, considerando a omissão do órgão fiscalizador, visto que sempre existiu um responsável direto da área, inclusive equipado de sede e veículos para tal.

Se não bastasse o fato dos cidadãos aqui mencionados estarem promovendo incursões com propósitos ilícitos a esta unidade de conservação de uso indireto, que tem os critérios mais rígidos quanto a interferências antrópicas, dado as suas características naturais singulares, há ainda outro fator tão ou mais importante, que é a existência, no interior da mesma, de um grupo de índios isolados, que tem sua integridade física e cultural seriamente ameaçada a partir de atitudes irresponsáveis como as narradas. Não podendo se esquecer que existe menções de histórias de massacre deste grupo indígena (doc 04 e 08), da qual teria participado inclusive pessoas aqui representadas.

Pelo exposto, requeremos de V.Ex<sup>a</sup> medidas cabíveis e urgentes aos sobremencionados cidadãos, o que certamente refletirá na defesa da REBIO e na proteção dos índios isolados.

Rolim de Moura-RO, 26 de Março de 1993.

  
Marcelo dos Santos  
AWARU

  
Ieda Cella  
ECOPORÉ

03

RELATÓRIO DA VIAGEM DE FISCALIZAÇÃO NA RESERVA BIOLÓGICA DO GUAPORÉ, EFETUADA EM MARÇO DE 1993.

Equipe fiscalizadora:

- FUNAI: Marcelo dos Santos- Téc. Indig.  
Francisco Carlos Benigno- Assessor DII
- IBAMA: Amós Almeida Rodrigues- Chefe  
Manoel Leopoldo Ortiz- Aux. Unid. Cons.
- Pol. Florestal: Arioswaldo Acácio do Nascimento- Cabo  
Carlos Alberto Nemésio- Soldado

Objetivo: Apurar denúncia contida ofício nº 018/93 da ECOPORE de 9/3/93.

Dia 8 último, a caminho da Reserva Biológica do Guaporé, passei pela ECOPORE em Rolim de Moura(RO) aonde tomei conhecimento do ofício supra citado. Em conversa mantida com o vice-presidente da entidade, João Alberto Ribeiro, debatemos a estratégia mais adequada para tentarmos flagrar os invasores no interior da área. Telefonei p/ o IBAMA de Costa Marques(RO), solicitando os préstimos do órgão e colocando o Sr. Amós da necessidade de acompanhamento da PM Florestal para dar a segurança necessária a operação. Combinamos de nos encontrar em Sto. Antônio do Guaporé, pequena vila encrustada a sudoeste da REBIO, na beira do rio Guaporé. Após os contatos desloquei-me para Alta Floresta(RO) a fim de contatar os companheiros da equipe e agilizar nossa partida, tendo chegado ao anoitecer do dia 8. Infelizmente dos três que se encontravam na cidade, dois estavam muito adoentados, com febre, impossibilitados de nos acompanhar.

Dia 9, após muita correria com compras, abastecimento de combustíveis, carregamento do barco, motor, etc, conseguimos sair ao meio-dia. O trajeto de Alta Floresta a São Miguel, passando por Migrantinópolis e Brasilândia, foi rápido, mas a partir daí até Porto Murquinho, passando por Bom Princípio a estrada ficou péssima. Chegamos a Porto Murquinho na tarde de 10/3, e daí seguimos de barco até Sto. Antônio do Guaporé, chegando ao anoitecer. A equipe do IBAMA e da PM Florestal cansada de nos aguardar, subiu o rio Guaporé, nos esperando na fazenda Pau D'óleo, três horas de voadeira. Na manhã do dia 11/3, encontramos a referida equipe, nos deslocando imediatamente para Pedras Negras, mais três horas de voadeira rio acima. Em Pedras Negras, encontramos a população desconfiada e arredia.

5

continuação.....

Montamos acampamento numa casa abandonada e passamos a conversar com os moradores, tentando confirmar a presença dos invasores na REBIO.

Estive com o colega Francisco Carlos Benigno na residência do Sr. Hamilton Siqueira Filho, aonde este confirmou as denúncias contidas no documento da ECOPORE, com pequenas ressalvas e também que os invasores, em número de sete se encontravam na área de preservação, fazendo uma avaliação do volume de Mogno existente. As ressalvas que acho importante relatar são as seguintes:

- Que o madeireiro que estava dentro da Biológica lhe oferecera US\$ 10.000 dólares e não 15.000 como o citado.

- Que o pivô da negociação com o citado madeireiro, era o Sr. Ambrósio Paes de Azevedo, ex-serengalista da região, possuidor de título definitivo que incide sobre a região enfocada, tendo sido este Sr. quem primeiro entrou em contato com o Sr. Miguel Blasquievicz, o intermediário do madeireiro.

- Que o Sr. Ademar José Zanini, madeireiro de Vilhena, morador na rua Osvaldo Cruz 812, tel (069) 321 1659, foi avisado da existência da REBIO, e que o mesmo comentou de que a quantidade de Mogno precisava ser grande, pois precisava "mostrar" as mãos de muitas pessoas em Costa Marques, Rolim de Moura, Alta Floresta (por onde pretendia escoar a madeira), para garantir a impunidade da operação.

Dia 12/3 ao amanhecer partimos rumo ao Pântano do Massaco, o qual tínhamos que atravessar (aproximadamente 20 Kms) no varejão, pois é impossível o uso do motor de popa na colcha de vegetação que o cobre. Infelizmente o guia apontado pelo colega Antenor Vaz, Sr. Urbano, morador de Sto. Antônio, ao contrário do que afirmava, não conhecia os labirintos do pântano. Depois de três horas empurrando o barco com as varas, conseguimos voltar ao ponto de partida, o lado norte da ilha de Pedras Negras. Perdemos o dia, pois tivemos que retornar a ilha (18 kms) para conseguir outro guia que só chegou ao entardecer, impossibilitando a partida.

Finalmente, dia 13, iniciamos a maratona da travessia, no rumo norte. Após 4 horas exaustivas, já no final do alagado, avistamos os barcos dos invasores vindo em nossa direção. Abordamos primeiramente o Sr. Miguel Blasquievicz, que vinha na canoa do Sr. Arunga, guia e morador de Pedras Negras. Logo atrás na voadeira vinham o Sr. Ademar Zanini, o Sr. José Joaquim da Silva, garimpeiro, morador de Costa Marques e o Sr. Juvenal Leite da Silva, piloto da voadeira.

A florestal revistou as embarcações, achando um rifle 22 com o Sr. Ademar, o qual foi apreendido. Nem o Sr. Miguel nem o Sr. Ademar negaram estar voltando de uma vistoria na madeira na região de terra firme (interior da REBIO), sendo que o primeiro confirmou não ser aque-

continuação.....

la vez primeira que estava na região enfocada. Foi esclarecido na ocasião, que era inegável a invasão da REBIO por eles e que seria dado o flagrante. Retornamos a Pedras Negras, chegando ao entardecer, muito cansados, impossibilitando a imediata partida para Costa Marques.

Cedinho do dia 14, os PM e os invasores desceram na frente para Costa Marques no barco do madeireiro(motor 120 HP), a fim de chegar a tempo de autuar o flagrante.

Chegamos aproximadamente às 12:00 hrs. Começa aqui o primeiro capítulo da novela que foi a atuação das instituições encarregadas de dar encaminhamento as medidas administrativas necessárias ao enquadramento dos criminosos. O primeiro capítulo ficou por conta da ausência a 4 dias do delegado da cidade, cuja previsão de retorno era de mais três. O segundo, foi a inexperiência do novo juiz da comarca, 26 anos, que solicitou, pediu 2 horas para estudar o caso, chegando a conclusão após esse tempo de que nada poderia fazer pessoalmente, mas descobriu no código florestal, no seu artigo 22 o enredo para o terceiro capítulo, ou seja, a de que o IBAMA tem competência para abertura de inquérito e que portanto devia a instituição, fazê-lo.

Apesar do responsável pela Unidade de Conservação trabalhar no órgão há vários anos, desde a época do extinto IBDF, e também de que se encontrava na cidade uma outra equipe do IBAMA de Ji-Paraná e Porto Velho, para verificar a mesma denúncia que já havíamos investigado, e de que esta outra equipe também era composta de elementos com até 10 anos de trabalho no ramo, ninguém que lá se encontrava nunca havia aberto um inquérito. Foram unânimes em declarar incompetência para tanto.

Portanto no seu capítulo final, nossa novela teve um final açucarado. Não foi aberto o inquérito nem foi autuado o flagrante delito. Os infratores se limitaram a receber um auto de infração e serem multados, segundo declarações do Sr. Amós. Assinaram também uma declaração que só teria sentido se fosse aberto um inquérito. O Sr. Amós se comprometeu a acatar minha sugestão de encaminhar toda documentação pertinente(relatórios, auto de infração, etc) ao Ministério Público Federal solicitando as providências cabíveis.

Dia 15 iniciamos o retorno para Alta Floresta, lá chegando dia 16/3 ao anoitecer.

#### Comentários:

- Infelizmente continua vagarosa e ineficiente a atuação das instituições responsáveis pela fiscalização das unidades de preservação;
- Me parece necessária se realizar uma reciclagem dos funcionários do IBAMA incumbidos da fiscalização dessas áreas, no sentido de homogeneizar sua forma de atuação e dos esclarecimentos jurídicos perti

continuação.....

nentes a mesma.

- É evidente que os Srs. Miguel Blasquievcz e Ademar José Zanini mentiram nas suas declarações. Não há um só morador de Sto. Antônio e de Pedras Negras que não conheça a criação da REBIO e saiba seus limites. O Sr. Hamilton Siqueira Filho declarou a mim e ao funcionário Francisco Carlos Benigno que o Sr. Zanini foi notificado sobre a existência da Reserva Biológica.

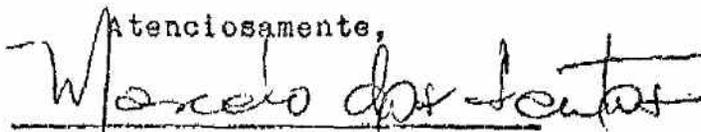
- É urgente que o DPT conclua os estudos sobre a área e que a presente o laudo e a proposta para a área enfocada e proceda sua demarcação, afim de que a FUNAI possa atuar na área com o aval jurídico necessário.

- Espero que nesse ano de 93 o IBAMA pelo menos tente evitar a saída de madeira de lei da área indígena Rio Branco. O mogno está acabando, e os índios que se venderam aos madeireiros não terão nenhum escrúpulo em invadir a Biológica para roubá-las. Inclusive um dos invasores estiveram procurando os mognos para o Sr. Zanini, é morador da aldeia Cajuf, da A.I. Rio Branco, conhecido como Salomão Índio.

- O Sr. Zanini em conversa privada com Carlos Benigno, disse ter sido procurado pelo Sr. Djalma, da madeireira Rio Negro (Alta Floresta) para explinar madeira dentro da área de preservação. Vale salientar que esta madeireira foi partícipe da retirada ilegal de madeira da A.I. Rio Branco em 92. Certamente esta madeireira precisará receber uma atenção especial dos órgãos fiscalizadores.

- Seria interessante o DII, consultar o Dr. Wagner, procurador da República p/ minorias étnicas e definir os parâmetros de atuação das equipes de campo frente a situação como apresentada acima. Temos certeza da ocupação territorial por um grupo isolado, mas ainda sem laudo, sem proposta e por conseguinte portaria. Esse grupo, em determinado momento passa a ser ameaçado por invasores. Como podemos atuar na defesa desses índios se não temos parâmetros geográficos que definam às instituições (Polícia Federal, Florestal, etc) qual a área de atuação, sem que sejamos processados por abuso de autoridade. Como conseguir entrar numa propriedade devidamente regularizada fundiariamente que temos certeza ter no seu interior um grupo isolado se formos barrados na porteira, como já me aconteceu anteriormente.

Atenciosamente,



MARCELO DOS SANTOS

Relatório: R / XLIV / 03 / 93

Título: Expedição Serra Bundinha

Participantes: Francisco Carlos Benigno

Paulo Pereira da Silva

Altair Algayer

**Introdução:** Esta expedição tinha por objetivo averiguar denúncias de invasão de garimpeiros na região da Serra da Bundinha, localizada ao sul da Reserva Biológica do Guaporé, entre os Rios Massaco e Centro Grande. Esta denúncia chegou-nos ao conhecimento através de contato em Vilhena com Antenor Vaz. Destaca-se que a mencionada região já fora alvo de outras expedição desta equipe, quando foi encontrado vários vestígios da presença do grupo indígena isolado na área. Este relatório tem por base as anotações de campo entre os dias 25/01/93 e 12/02/93 do Sr. Francisco Carlos Benigno.

**Desenvolvimento:**

No dia 25/02/93 (Segunda Feira), às 9:00h saímos do acampamento base da equipe, com destino a Izidolândia, onde de barco, pelo rio Branquinho, pretendíamos chegar ao rio Colorado e posteriormente ao lado sul da Serra do Colorado. O deslocamento entre o acampamento e Izidolândia (25 Km) fora feito de moto em três viagens, já que o carro estava em reforma em Vilhena. Pretendíamos passar na colocação do Sr. Chico Moura, que localiza-se as margens do Rio Colorado, dentro da REBIO Guaporé, pois chegou-nos ao conhecimento que o mesmo pretende efetuar derrubada na colocação, para valorizar a sua posse, uma vez que este a anos aguarda a indenização do IBAMA, e já desacreditado, diz que pretende vendê-la. Ao chegarmos ao Rio Branquinho, de onde pretendíamos embarcar, utilizando o motor rabeta de 3,5 Cv da equipe e um barco empreitado de um morador de Izidolândia, vimo-nos impedidos, pois ao montar o motor na embarcação, quebrou o suporte da rabeta. Pelo avançado a hora, pernôitamos na chácara do Sr. Ná.

Dia 26/02/93 (terça-feira). Pela impossibilidade de descermos de barco, decidimos continuar a expedição a pé, sendo que iríamos por picadas apartir da linha 120. As 6:30h saímos da chácara do Sr. Ná, levando as mercadorias, o motor e gasolina, para a casa do Sr. Chico Moura, no distrito de Izidolândia. Em seguida deslocamo-nos apenas com as mochilas, em três viagens de moto para a linha 120 na casa do Sr Agostinho, de onde as 14:00h saímos pelo caminho do pasto de sua propriedade, em direção ao Igarapé Consuelo. Ao chegar no Igarapé, decidimos ali pernôitar, já que o mesmo estava muito cheio e com suas margens bastante alagadas, o que impossibilitaria que chegassemos ainda claro ao outro lado.

Dia 27/02/93 (Quarta feira). Saímos às 6:00h da margem esquerda do Igarapé consuelo, atravessamos o brejão, após duas horas e meia de caminhada saímos em terra firme. Prossequimos a caminhada com dificuldade já que apartir dali entramos no cerrado, que está muito sujo, com muito espinho de unha de gato, rabo de camaleão e navalha. Paramos para almoçar às 11:00 h e para acampar às 16:00 h na ex-posse do Sr. Pia Lopes.

Dia 28/02/93 (Quinta-feira). Iniciamos a caminhada às 7:00h, o dia estava nublado, com risco de chuva, às 12:00 h chegamos a ex posse do Sr. Milton onde

almoçamos. Às 15:00 h saímos na ex posse do Sr. Agostinho Martins, lá resolvemos deixar o cerreador e pegar outro rumo, cruzamos o Igarapé Massaco, onde pescamos e pernoitamos.

Dia 29/02/93 (Sexta-feira). O Igarapé massaco estava muito alagado, na noite anterior dormimos praticamente dentro d'água. Saímos às 7:00h, descendo o Igarapé, andamos cerca de 30 minutos, quando resolvemos derrubar um pau para fazermos uma pinguela para podermos atravessar o igarapé, sem molhar as mochilas, e apartir dali pegamos o rumo da serra Taquaral. Pegamos o sentido leste-oeste, e até as 9:00h andamos dentro d'água, entre corichos e alagadão. Às 13:30 h saímos em terra firme, andamos aproximadamente mais uns três quilômetros, quando vimos vestígios indígena, lá havia quebradas recentes de cerca de um mês, e também um pau cortado com facão, neste local paramos para almoçar. Às 14:00 hs paramos para um breve descanso, quando notamos que ali próximo os índios haviam coletado mel em uma árvore. Às 16:00 h, todos molhados, descidimos parar para acampar.

Dia 30/02/93 (Sábado). Saímos às 7:00h, pela mata serrada que estava difícil de transpor, pois havia muito cipó, logo a frente entramos em um bananal (pacoval) bom de andar, e depois em uma mata não muito suja, quando achamos um varadouro indígena, o mesmo tinha o sentido Leste-Oeste, sendo que deveria ter mais de um ano. Chovia muito, as 15:30 h chegamos na beira de um igarapé e lá achamos um jaboti. Descidimos acampar ali pois estávamos todos muito cansados.

Dia 31/02/93 (Domingo). Iniciamos a caminhada às 7:00h em uma mata boa de andar, era só bananal (pacoval), andamos bastante. Às 9:00h chegamos a um igarapé grande, que achamos tratar-se de um afluente do Igarapé Centro Grande, pois corre em direção ao mesmo. Paramos para almoçar por volta das 11:00h na beira de outro igarapé que tinha o mesmo sentido. Às 16:30 h ao chegarmos a beira de um Igarapé bonito, de águas cristalinas, resolvemos parar para acampar, depois de um dia bem andado.

Dia 01/03/93 (Segunda-feira). Saímos às 7:00 h e logo passamos por um igarapé grande e bonito de água limpa. Às 13:00 h alteramos o nosso rumo que era leste oeste, passando para 240° Norte. Às 11:00h havíamos parado para almoçar na beira de um igarapezinho, que certamente vinha da serra do taquaral. Continuando andando, mais tarde, percebemos que estávamos próximos de alguma serra, pois havia muitas pedras. Passamos por um pau cortado e logo em seguida vimos uma serringueira cortada, estávamos perto da colocação Pau Mole na beira do Igarapé Centro Grande, nós havíamos passado direto pelas estradas de seringa, pois não as conhecíamos. Após o almoço, na beira de um igarapezinho, vimos muitas quebradas e paus cortados, no baixão. Por volta das 14:30 h saímos na colocação Pau Mole na margem do Igarapé Centro Grande e ali pernoitamos.

Dia 02/03/93 (Terça-feira). Logo que saímos da colocação Pau Mole, 7:00h, atravessamos uma pinguela e logo entramos em um alagadão, passamos por dois afluentes do Igarapé Centro Grande. Por volta de 11:30 h, andando pelo mato o Sr. Francisco Carlos Benigno foi ferido em seu dedo por um inseto ou lagarta, que não foi vista, acredita-se tratar-se da lagarta "Susuarana", Sr. Francisco teve seu braço totalmente adormecido, situação que perdurou por aproximadamente 12 horas. Na continuidade da caminhada,

achamos um ouriço de Castanha do Brasil, fato que chamou-nos a atenção, pois nunca antes havia sido encontrado nas expedições pela Biológica. Acreditamos que este ouriço tenha sido perdido pelos índios isolados já que estes são os únicos a andarem pela região e por não haver castanheiras nas proximidades. Continuando a caminhada, passamos por uma pirambeira de um igarapé, pensávamos estar próximos da Serra da Bundinha. Às 14:30 h paramos para montar acampamento.

Dia 03/03/93 (Quarta-feira). Saímos às 7:00h em uma região com muitos igarapés pequenos. O Sr. Francisco Carlos subiu em uma árvore para tentar localizar a Serra da Bundinha, tendo sido em vão, resolvemos pegar o sentido Sul. Às 15:00 h saímos na Serra e a subimos para poder situar-nos na região, seguindo, saímos do outro lado da serra no sentido leste oeste, na tentativa de acharmos água, o que não foi possível. Nesta época há lugares na região, que estão transbordando de tanta água e outros totalmente secos. Tivemos que pernoitar sem água, em uma picada no sentido Norte Sul que o Paulo fez em 1986 da qual se via a Serra da Bundinha.

Dia 04/03/93 (Quinta Feira). Estávamos bastante próximos da Serra, às 6:30 h saímos em caminhada, após dez minutos chegamos ao seu cume, de onde consultamos os mapas e pegamos o rumo 300 ° norte, logo a frente encontramos a picada dos garimpeiros, a mesma que já havíamos localizada em expedições anteriores, esta picada vem do São Simão, passa em baixo da serra e cai na mesma picada que dominamos na noite passada, como esperávamos. Às 8:40 h saímos na picada dos garimpeiros que tem o sentido Leste Oeste, seguimos-la com muito cuidado, pois encontramos um varadouro dos índios que daria em tapiris localizados em outras expedições. Às 10:00 h chegamos ao acampamento abandonado dos garimpeiros, que era pequena, para duas ou três pessoas. Destruímos-lo, este localizava-se na beira de um igarapé bastante próximo a acampamentos dos índios, que em expedição de junho de 1992, havia sido constatado inúmeros rastros de adultos e crianças em caçada. Deixamos nossas mochilas no acampamento abandonado dos garimpeiros e saímos com cuidado para tentar localiza-los, com uns vinte minutos de caminhada chegamos a outro acampamento, este havia sido abandonado a muito tempo, pois os paus do barraco já tinham caído, caracterizava-se apenas pelo local limpo. Entre esses dois acampamentos os índios em ocasião anterior haviam colocado estrepes de espinho de Tucum. Neste mesmo local o Sr. Almir Faustino havia sido estrepado com esta mesma armadilha. Conforme contato que tivemos anteriormente com pessoas de Pedras Negras, soubemos que esta picada que liga a região da Serra da Bundinha ao Igarapé São Simão foi feita pelo Sr. Tunga, e que os garimpeiros que a utilizam são pessoas de Costa Marques, que normalmente vêm acompanhados por ex-seringueiros que já trabalharam na região. Estas pessoas normalmente vêm pelo Rio Guaporé, até a Foz do Rio Baía Rica, por onde sobem, transpondo as couchas ou pelos corichos, chegando até o baracão Limeira de onde pegam a picada. Outros vêm de Pedras Negras, atravessando os campos alagados, entrando dentro da mata alagada, saindo no Igarapé São Simão e chegando assim ao Baracão Limeira.

Constatado a situação local, resolvemos voltar para onde havíamos deixado nossas mochilas, até porque estava se formando um temporal, o qual não tivemos como evitar. Choveu a tarde toda, pernoitamos perto do tapiri dos garimpeiros.

Dia 05/03/93 (Sexta-feira). Deixamos o acampamento às 8:30 h iniciando a volta, andamos um pouco e deixamos a picada, rumo a Serra da Bundinha, às 9:30 h chegamos

na chapada da serra que é bastante alta. Chegamos ao primeiro pico da serra às 11:00 h. Em seguida começamos a descer a serra, que é muito acidentada, com muita pedra, o que dificultava a caminhada. Chegamos ao pé da serra às 14:20 h todos muito cansados. Saímos do lado sul da serra e entramos em uma mata boa de andar, uma hora depois encontramos uma picada que fizemos na expedição de Pedras Negras em 1991, Esta picada vem da beira do Rio Baía Rica e tem o sentido norte sul. No pé da serra tem inúmeras picadas que havíamos feito em expedição, a procura de vestígios dos índios. Vimos uma picada mais nova e ficamos preocupados pois andamos nessa região em 1991, logo percebemos que os garimpeiros haviam passado por aqui fazendo pesquisa, passamos por um pé de cerejeira que estava marcada, mas não prosseguiram marcando madeira. Chegamos a beira de um Igarapé, por volta das 16:00 h, e ao cruzarmos, deparamos com uma série de buracos no chão, utilizados para a pesquisa. Pernoitamos perto do tapiri de expedição anterior.

Dia 06/03/93 (Sabado). Iniciamos a caminhada às 7:00 h andando numa mata rala, com uns trinta minutos, chegamos a outro morro da Serra da Bundinha, o qual tínhamos que transpor, chegamos do outro lado 12:30 h, continuando a caminhada, às 15:00 h chegamos a margem de um igarapé que corria no sentido do Centro Grande, a mata naquela região é bem limpa e as caminhada rende. As 16:00h paramos no mesmo igarapé para acampar, estávamos tranquilos pois tínhamos alimentação de sobra. Naquele dia não havíamos visto quebradas dos índios.

Dia 07/03/93 (Domingo). saímos às 7:00 h e pensávamos estar longe do Igarapé Centro Grande, uma hora depois chegamos a um baixão e cruzamos um igarapé, mais a frente outro baixão e dois igarapés grandes afluentes do Centro Grande. As 9:30 h chegamos a colocação Pau Mole, para chegar a esta colocação havíamos marcado o rumo, do alto da serra a Bundinha, isto facilitou bastante. Prosseguindo a caminhada, após andar cerca de quatro horas, passamos por uma área muito grande (mais de 20 alqueires) de juquira bastante velha, nota-se que os paus estão todos queimados, mas não vimos vestígios de árvores cortadas com machado ou motosserra, parecem ter sido tombados pelo vento ou algum outro fenômeno. Esta juquira parece velha (no mínimo cinco anos), já que tem poucos paus no chão, tendo sobrado apenas os mais grossos. Não há vestígio de paus derrubados pelos índios. Esta área localiza-se paralela a Serra do Taquaral. Neste dia paramos para acampar às 16:00 h, pois estava armando uma forte chuva, pernoitamos a beira de um igarapé próximo a esta juquira.

Dia 08/03/93 (Segunda-feira). Chovera a noite anterior toda, às 8:30 h deu uma estiada mas as 9:00 h voltou a chover. Descidimos então permanecer ali acampado o dia todo, já que com aquele tempo a caminhada não renderia (Igarapés muito cheio, mochila molhada, e outros empecilhos).

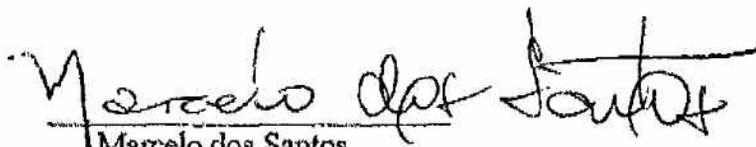
Dia 09/03/93 (terça-feira). Iniciamos a caminhada às 8:30, e uma hora depois a o subimos um morro, pegamos o rumo 40° norte, logo em seguida entramos em um bananal (pacoval) e andamos bastante, pois a mata é bem limpa, saímos em um esporão da serra do taquaral. Assim que descemos o segundo morro, passamos por um igarapé pequeno. Andamos mais vinte minutos e cruzamos outro igarapé grande. Subimos o último esporão da serra do Taquaral e chegamos ao alto da serra, da Chapada podíamos ver nosso trajeto, vimos também outros cortados velhos de expedições anteriores. Andamos cerca de três

horas na chapada, então resolvemos descer por um novo caminho, e não o utilizado normalmente. Este novo trajeto era muito íngreme e com muita pedra. Tinha chovido muito e havia dois igarapés que desciam a serra formando cachoeiras. Gastamos cerca de meia hora para desce-la, lá embaixo era bom de andar pois a mata era limpa. Às 16:00 h chegamos a um baixão que pensávamos ser o Igarapé Massaco, pernoitamos ali em meio aquele brejão. Ao anoitecer, ouvimos o pássaro conhecido por Coroca, cantar, pensamos então estar certos quanto a localização ou seja estamos realmente no Massaco, pois este pássaro só canta próximo a igarapés ou rios grandes.

Dia 10/03/93 (Quarta-feira). Assim que saímos, passamos por um igarapé muito cheio, pegamos uma mata bastante suja e mais a frente entramos em outro baixão, pensávamos que era o Igarapé Centro Grande, era um igarapé grande e corria no sentido deste. Cruzamos o mesmo e entramos numa mata muito suja de sipó e bambu. Às 9:00h chegamos a um baixão bonito e limpo saímos em um igarapé bastante grande que corria no mesmo sentido dos anteriores. Às 10:30 h chegamos ao alagadão do Massaco, entramos na água fria, há lugares que se atravessa com água na altura do estômago, outros com a água no peito, alguns corichos encobria-nos. Às 11:00 paramos para almoçar dentro d'água, neste momento lembramos do pássaro ouvido na noite anterior, quando pensávamos estar perto do Rio Massaco, este rio estava realmente muito cheio alagando uma faixa de cerca de 1.500 metros do leito do Rio. Continuando a caminhada, chegamos ao leito do Massaco em um lugar de muita correnteza, eram 12:00 h quando cruzamos o rio, mešto assim estávamos em dúvida pois haviam muitos corichos fundos. Às 13:00 h saímos em terra firme, pegamos o rumo leste e saímos nos carreadores das posses antigas na REBIO, ainda pegamos uma mata feia com sipoan muito denso. Às 15:00 h chegamos num carreador perto de uma derrubada da ex posse do Sr. Joaquim da loja Tigre. andamos muito para chegar no igarapé Canivete, pois pretendíamos pernoitar em sua margem.

Dia 11/03/93 (Quinta-feira). Às 6:00 h iniciamos a caminhada, pretendíamos evitar, saindo bem cedo, as abelhas Europa que costumam atacar na margem deste igarapé, andamos cerca de quarenta minutos e chegamos na antiga posse do senhor Agostinho Martins. Neste local almoçamos, e logo após retomamos a caminhada, que se por um lado não tinha alagadões era farta em espinhos tipo rabo de camaleão, unha de gato e navalha. Às 14:00 h chegamos ao baixão do Igarapé consuelo. Dalí até o leito do rio gastamos cerca duas horas de caminhada dentro d'água, num percurso de quase dois quilômetros. Cruzamos o Consuelo era por volta das 16:00 h, deixamos o carreado e pegamos uma picada ad lado esquerdo, passamos no barraco do Sr. Agostinho, já na linha 120. Chegamos na estrada para Izidolândia às 17:00 h. Pernoitamos na casa do Sr. Agostinho.

Dia 12/03/93 (Sexta-feira). A Moto da equipe havia ficado, durante a expedição na casa do Sr. Agostinho, fizemos três viagens até o acampamento, para poder deslocar os participantes da expedição e suas bagagens. Na chegada do acampamento ainda tivemos que andar cinco quilômetros a pé.

  
 Marcelo dos Santos  
 Técnico Indigenista